

PROPRIETÁRIOS NEGROS: SENHORES DE TERRAS E ESCRAVIZADOS ENRIQUECIDOS POR MÉRITO DE SEU TRABALHO NA RIBEIRA DO ACARAÚ-CEARÁ

BLACK LANDLORDS: LANDOWNERS AND ENRICHED WORKERS WHO BECAME
WEALTHY THROUGH THEIR LABOR ON THE RIVERBANK OF ACARAÚ, CEARÁ

PROPIETARIOS NEGROS: DUEÑOS DE TIERRAS Y TRABAJADORES
ENRIQUECIDOS QUE SE RIQUEZARON GRACIAS A SU TRABAJO EN LAS
ORILLAS DEL RÍO ACARAÚ, CEARÁ

Raimundo Nonato Rodrigues de Souza¹, Adauto Neto Fonseca Duque², Maria Alveni Barros
Vieira³

DOI: 10.54899/dcs.v22i84.3697

Recibido: 30/10/2025 | Aceptado: 03/11/2025 | Publicación en línea: 28/11/2025.

RESUMO

Na ribeira do rio Acaraú, estado do Ceará, em documentação dando conta da vida e morte de indivíduos livres, libertos, alforriados ou na condição de escravizados é possível fazer leituras críticas e analíticas sobre os mecanismos evidenciados na mobilidade e ascensão de homens e mulheres de cor. O acervo de testamentos e inventários *post mortem* arquivados no Núcleo de Estudos de Documentação Histórica (NEDHIS) abriga fontes que testemunham o interior das famílias, permitindo conhecer seus bens materiais, declarados em momento de alegria, dor e de perdas de entes queridos. A apreciação dos documentos possibilita construir tabelas e textos com informações sobre espaços de trabalho, condições financeiras e caminhos percorridos por negros que acumularam riquezas e bens inventariados. Entre homens e mulheres que vivenciam a condição de cativos percebe-se a ascensão de famílias negras que se destacam em meio a um grande número de egressos do cativeiro e de livres pobres na sociedade colonial do sertão do Acaraú. Trajetórias distintas daquelas dos senhores que ascenderam por meio de mercês recebidas, exemplo, as heranças. As famílias negras tiveram como aliadas para ascensão financeira e social o recurso de seus dias de trabalho.

Palavras-chave: Bens Inventariados. Negros. Homens de Posses. Sertão do Ceará.

ABSTRACT

In the banks of the Acaraú River, in the state of Ceará, documentation detailing the lives and deaths of free, freed, or enslaved individuals allows for critical and analytical readings of the

¹ Doutor em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: raisouza2013@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9255-2133>

² Doutor em História, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil.
E-mail: adautoneto@pcs.uespi.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9253-9905>

³ Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil.
E-mail: mariaalvenibarrosvieira@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4680-4840>

mechanisms evidenced in the mobility and upward mobility of men and women of color. The collection of wills and post-mortem inventories archived at the Center for Historical Documentation Studies (NEDHIS) contains sources that bear witness to the inner workings of families, allowing us to understand their material possessions, declared during moments of joy, sorrow, and loss of loved ones. The analysis of these documents makes it possible to construct tables and texts with information about workplaces, financial conditions, and the paths taken by Black people who accumulated wealth and inventoried assets. Among men and women who experienced captivity, one perceives the rise of Black families who stand out amidst a large number of former slaves and poor free people in the colonial society of the Acaraú hinterland. The trajectories of Black families differed from those of the wealthy who rose through favors received, such as inheritances. Black families relied on their labor for financial and social advancement.

Keywords: Inventoried Assets. Black People. Wealthy Men.

RESUMEN

En las riberas del río Acaraú, en el estado de Ceará, la documentación que detalla las vidas y muertes de personas libres, liberadas o esclavizadas permite realizar lecturas críticas y analíticas de los mecanismos que evidencian la movilidad y el ascenso social de hombres y mujeres de color. La colección de testamentos e inventarios post mortem archivada en el Centro de Estudios de Documentación Histórica (NEDHIS) contiene fuentes que dan testimonio del funcionamiento interno de las familias, permitiéndonos comprender sus posesiones materiales, declaradas en momentos de alegría, tristeza y pérdida de seres queridos. El análisis de estos documentos posibilita la elaboración de tablas y textos con información sobre los lugares de trabajo, las condiciones financieras y las trayectorias de las personas negras que acumularon riqueza e inventariaron sus bienes. Entre los hombres y mujeres que experimentaron la esclavitud, se percibe el surgimiento de familias negras que destacan entre un gran número de ex esclavos y personas libres pobres en la sociedad colonial del interior de Acaraú. Las trayectorias de las familias negras difirieron de las de las personas adineradas que ascendieron socialmente gracias a favores recibidos, como herencias. Las familias negras dependían de su trabajo para su progreso económico y social.

Palabras clave: Bienes Inventariados. Personas Negras. Hombres Adinerados.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Na região denominada ribeira do Acaraú, estado do Ceará, a partir de estudos e pesquisas em diversificadas matrizes de fontes é possível verificar a mobilidade e a ascensão dos homens e mulheres de cor através de sua vida em diferentes espaços urbanos e rurais. As fontes, testamentos

e os inventários *post mortem*, contam sobre os acontecimentos no interior das famílias, permitindo conhecer seus bens materiais, declarados em momento de alegria, dor e de perdas de entes queridos. Tomamos para análise, dados de inventariados negros/pretos, que refletem uma possibilidade de hierarquização de pessoas egressas, ou não, do cativeiro, que obtiveram riquezas suficientes para acumular bens inventariados.

Compreender a dinâmica histórica e sócio-histórica dessas famílias negras, que se destacam como proprietárias, bem como suas interações por meio do compadrio, do parentesco e das amizades, é fundamental para entender as relações de sociabilidade e solidariedade que permeiam os grupos sociais na ribeira do Acaraú. Nessas famílias negras da tabela 1 a documentação analisada indica que as uniões conjugais ocorrem, com maior frequência, entre negros africanos de uma mesma origem ou com aqueles nascidos na colônia. O casamento com indígenas também aparece na documentação consultada.

HISTÓRIAS DE FAMÍLIAS POSSUIDORAS DE BENS PECUNIÁRIOS POR TRABALHO

Os documentos consultados apresentam de forma minuciosa as famílias que se destacam pelo elevado montantes de bens e recursos financeiros inventariados. O volume de propriedades e os recursos em débitos e créditos poderia garantir inserções em espaços de poder e mando na sociedade da ribeira do Acaraú e sertão do Ceará. Chama atenção a ausência de registros documentais que indiquem tensões envolvendo as famílias abastadas em disputas pelo poder na região. É inegável que homens e mulheres com poder econômico exerciam influência política em momentos e ocasiões oportunas. Nesse contexto, destacam-se as seguintes famílias de:

José Monteiro de Melo

Em 1806, foi realizada a abertura do testamento do falecido José Monteiro de Melo, no qual se afirmava “ser minha fazenda adquirida em meu trabalho e não herdada”⁴. O exemplo desse fazendeiro se diferenciava dos demais homens que conquistaram suas riquezas através das mercês

4Inventário *post-mortem* de José Monteiro de Melo, de 1805, caixa 40. NEDHIS/UVA. No corpo do inventário estava anexo o testamento de José Monteiro. Este mesmo testamento encontra-se anexo ao Processo do padre José Gonçalves de Medeiros guardado no Arquivo Nacional do Brasil conforme referência: Irmandades e Confrarias – Ceará (1814-1821). Cx. 293 pac. Fundo: Mesa de Consciência e Ordens. Cod. do Fundo: 4J Secção de Guarda: SDE. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

que receberam pelos serviços prestados à Coroa. José Melo deixou bens para seus parentes, alforriou escravos, doou terra à padroeira da vila de Sobral – Nossa Senhora da Conceição – e recomendou a realização do ritual da sua morte (missas, acompanhamento, sepultamento) e que intercedessem por sua alma, como era praxe na sociedade cristã do seu tempo.

José Monteiro de Melo, comerciante e morador da Vila de Sobral, era filho natural de Mario Monteiro com Quitéria Monteiro, preta, vindo da Costa da Mina, moradores da vila de Santo Antônio do Recife. No ano de falecimento de José Melo seus pais também já haviam falecido. O fazendeiro negro José Melo foi casado com Úrsula das Virgens, uma africana da Costa da Mina, forra, com a qual não teve filhos. Todavia, confessou em testamento que tivera uma filha, Maria da Conceição, com sua escrava Apolônia. Informou, ainda, ao testamenteiro que Apolônia foi liberta e lhe deixou por esmola a quantia de cem mil reis e institui como “última e universal herdeira”⁵ a mulatinha Maria da Conceição.

José Melo vivia de seu comércio de secos e molhados; tinha, ainda, um curral de peixe e foi mestre de calafete, consertando embarcações que ancoravam no porto daquela vila. Com o dinheiro obtido com estas atividades foi possível durante a sua vida adquirir diversas propriedades, como as das Oficinas, Timbaúbas, Curral Velho e do Riacho da Prata. Além desses bens, Melo possuía diversas casas. Uma de taipa na Vila de Sobral, localizada na Rua do Rosário, em terras próprias, e uma morada de casas na localidade das Oficinas, onde morou e descreve em testamento os móveis existentes nela:

huma mesa grande torneada, e mais três mesas xans, hum armário grande, oito tamboretas – seis de paos e dois de solas, huma cama ordinária, hyum oratório pintado e dourado, com estas imagens que estão dentro: N. Sra. da conceição, são Benedito, Santo Antonio, e fora do oratório tenho uma imagem de Nosso senhor Jesus Cristo, outro de São José. Hum baú coberto de couro, uma caixa de pão amarelo de cinco palmo, e mais duas caixas grande de pinho do Porto e huma de travessais pequenos e alguns martelos de ferro e, além disso, existe mais dentro da mesma casa ouro caixão, e dentro delle a ferramenta pertencente ao officio de calafate, e mais duas espingardas, duas parnaibas e huma catana.⁶

A partir destas atividades pôde comprar terras, escravos e outros bens acumulando uma das maiores fortunas entre os descendentes de pretos na ribeira do Acaraú. A riqueza líquida foi

5 Inventário *post-mortem* de José Monteiro de Melo, de 1805, caixa 40. NEDHIS/UVA. No Inventário *post-mortem* de José Monteiro de Melo, de 1805, caixa 40. NEDHIS/UVA. Este documento encontra-se anexo ao Processo do padre José Gonçalves de Medeiros guardado no Arquivo Nacional do Brasil conforme referência: Irmandades e Confrarias – Ceará (1814-1821). Cx. 293 pac. Fundo: Mesa de Consciência e Ordens. Cod. do Fundo: 4J Secção de Guarda: SDE. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

6 Idem.

avaliada no corpo do inventário em 21:943\$119, sendo registrado no testamento que os valores eram fruto de seu trabalho nas diversas atividades exercidas durante sua vida. Redigido em 1805 consta no testamento os seguintes escravos:

Francisco Angola e outro do mesmo nome também angolla, outro do mesmo nome crioulo, Lino crioulo, João Angolla, outro do mesmo nome Angolla, Manoel Angolla, Antonio Angolla, Matheus Angolla, Estevão crioulo, Ignácio Angolla, Antônio Caxeio, Bernardo cabra, Valentim cabra, Joaquim Angola, Manoel Crioulo, Pedro Angolla, Severino crioulo, Antônio da Costa da Mina, alguns destes tenho, mas Francisco Angola ladino, outro do mesmo nome também Angolla ainda novo, e estes dous estão fugidos, fêmeas as seguintes: Angela crioula, Florinda cabra, Catharina Benguela, Vicência crioula.⁷

Numa sociedade escravocrata, a posse de cativos permitia aos proprietários acumular capital e investimento, tanto no Vale do Acaraú quanto na África. John Thornton afirmou que na África “o único recurso era comprar escravos, os quais como sua propriedade, poderiam ser herdados ou gerar riquezas” (Thornton, 2004, p. 140.). Ao comparar o valor do montante do inventário de José Monteiro de Melo, avaliado em 21.943\$119, com o valor dos escravos orçados em 2.410\$000, percebemos como investir em escravos no Brasil era algo lucrativo.

No testamento citado o item escravos equivalia a 11%, conforme somatório dos preços dos escravos. O inventário, escrito no ano seguinte ao falecimento, 1806, foi declarado, pela inventariante, Úrsula das Virgens, a totalidade dos escravos e feito sua descrição. Possuía 25 escravos; destes, 48% eram africanos e os 52% restantes nasceram na colônia. Os africanos eram 12: 10 vindos de Angola, um (01) da região do Cacheu e outro (01) da Costa da Mina. Dos nascidos na colônia, foram identificados 03 cabras, 08 crioulos e 02 pardos. A maioria destes escravos era formada por cativos do sexo masculino (20 homens e apenas 05 mulheres). Das mulheres, 04 nasceram na colônia e uma (01) na África, vinda de Benguela, segundo descrição do testamento e como angolana, de acordo com o inventário. Era recorrente a classificação da procedência de um mesmo escravo de maneira distinta em documentos diferentes.

Seus cativos, conforme a faixa etária, eram: 03 crianças e 22 adultos. O cabra Antônio e o preto Antônio eram velhos, com 60 anos de idade. A maioria dos escravos tinha entre 20 e 50 anos. Estes, provavelmente, eram utilizados nos serviços de roça, afazeres domésticos, servindo

⁷Inventário *post-mortem* de José Monteiro de Melo, de 1805, caixa 40. NEDHIS/UVA. No corpo do inventário estava anexo o testamento de José Monteiro. Este mesmo testamento encontra-se anexo ao Processo do padre José Gonçalves de Medeiros guardado no Arquivo Nacional do Brasil conforme referência: Irmandades e Confrarias – Ceará (1814-1821). Cx. 293 pac. Fundo: Mesa de Consciência e Ordens. Cod. do Fundo: 4J Secção de Guarda: SDE. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

no comércio, no criatório e na profissão de calafete. Eurípedes A. Funes, ao tratar do mundo do cativo no Ceará, afirma que:

A mão-de-obra escrava no Ceará se faz presente em todo o campo de trabalho, seja no espaço rural ou no urbano. Se num primeiro momento, ainda no século XVIII, as primeiras “peças” estavam sendo adquiridas para trabalhar num projeto que frustrou, “as minas de São José do Cariri”, posteriormente o cativo foi incorporado ao setor produtivo estando presente na pecuária, na agricultura, em serviços especializados, nos serviços domésticos ou ainda como escravo de aluguel e de ganho (Funes, 2000, p. 110).

Melo afirmou, ainda, no seu testamento que não devia a ninguém, seja por obrigação ou por crédito. É categórico ao exigir dos seus testamenteiros que não paguem a nenhuma pessoa que apareça solicitando cobranças de dívidas. Ao contrário, diz que muitas pessoas o deviam, tanto por obrigação ou por crédito, como no livro de registros. Tinha a receber 14:072\$033. Declarou ainda:

Que em meo poder e no cartório do ordinário desta Villa e no de órfãos tinha alguma execuções contra meos devedores as quaes meos testamenteiros faram continuar para receberem as dívidas, e os pleitos que pedem em juízo, se por minha morte não estiverem findos, e acabados, meos testamenteiros se apossem de minha parte como se fosse eu próprio para que não perca o que hé meo, e não pague o que conhecesse o que não devo.⁸

Ao descrever suas dívidas, especialmente a ativa, foram registradas mais de 120 pessoas que haviam contraído débitos com ele. No rol da dívida estavam pessoas de diversas condições sociais: o comandante geral da vila do Sobral, capitão Antônio da Silva Castro, o qual fora um dos seus testamenteiros; o escrivão da Câmara, Órfãos e Almotecaria da Vila do Crato, João Batista Teixeira e o alfaiate pardo Inácio da Costa Leite, entre outros. Entre seus devedores encontravam-se diversos moradores da Vila de Sobral, Serra da Uruburetama, Serra da Meruoca e de diversas fazendas. Isso leva-nos a pensar as intensas trocas efetuadas por este comerciante. Como afirma Funes: “A repetição de fatos, nomes, lugares e, atitudes são marcadores significativos e, ao mesmo tempo, reveladores, pois permite trazer trajetória histórica do grupo” (FUNES, 2009, p. 148) e de sujeitos. Tanto como comprador de produtos trazidos das fazendas e sítios de plantar – como a farinha de mandioca – quanto como vendedor de peixes procedentes de

⁸Inventário *post-mortem* de José Monteiro de Melo, de 1805, caixa 40. NEDHIS/UVA. No corpo do inventário estava anexo o testamento de José Monteiro. Este mesmo testamento encontra-se anexo ao Processo do padre José Gonçalves de Medeiros guardado no Arquivo Nacional do Brasil conforme referência: Irmandades e Confrarias – Ceará (1814-1821). Cx. 293 pac. Fundo: Mesa de Consciência e Ordens. Cod. do Fundo: 4J Secção de Guarda: SDE. Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

seus currais – que foram solicitados no ano de 1773 à Câmara da Vila de Sobral – e da venda de outras mercadorias.

Manoel Gomes Correia do Carmo e Germana de Sá e Oliveira

A narrativa desta família começa com Germana, nascida em 1733, foi escrava do Coronel Francisco Ferreira da Ponte, alforriou-se e se casou em primeiras núpcias com Maurício de Azevedo da Conceição, à época proprietário de dois cativos: Manoel dos Santos, casado com Maria Cardoso Dorneles, e José de Azevedo.

Germana era natural da freguesia da Caiçara, filha do preto Domingos de Vasconcelos. Ao ficar viúva casou em segundas núpcias, em 17 de julho de 1780, com o negro Mestre-escola Manoel Gomes Correia do Carmo, natural da freguesia de Sam Pedro Martir, Olinda, Capitania de Pernambuco. Antes de viver na freguesia do Acaraú, residiu em “Amontada antigo domicílio do nubente”. Era filho da preta forra Antônia Gomes, que foi escrava do Reverendo Cônego Mestre escola Bernardo Gomes Correia.⁹

No casamento de Germana e Manoel, o cura João Ribeiro Pessoa declarou que nos banhos não encontraram nenhum impedimento canônico e nem foi contestado pelos moradores, como mandava as regras das Constituições do Arcebispado da Bahia. A cerimônia teve como testemunhas pessoas conhecidas e reconhecidas na comunidade, como os “capitães Antônio Furtado dos Santos, e Gonçalo Novo de Lira”¹⁰, além de outras pessoas, como parentes e amigos do casal. Após o casamento, o cortejo se dirigiu para a casa do novo casal, onde foram realizados os festejos. Germana deixou três cativos e as seguintes propriedades para seus herdeiros:

hum cítio de terras de plantar lavoura em sima da Serra de Meruoquinha termo desta Vila de Sobral denominado São João com o comprimento de trezentos brasas com a largura que se axar de Serra a Serra foreira a camara desta Vila que constesta de parte de Sima com terras do Cítio Santo Antônio dos herdeiros do defunto José digo santo Antônio de Pedro Ferreira da Ponte pela parte de baixo com os herdeiros do defunto Primo Fernandes Coelho avaliado pelos Avaliadores com suas árvores de fructos em secenta mil reis... 60\$000.¹¹

Manoel, professor na Vila Distinta e Real de Sobral, vivia de sua escola de meninos; possivelmente, aprendeu o ofício de ensinar com o padre Bernardo, ex-senhor de sua mãe.

⁹Livro de Casamento, nº. 02 (1769-1782), fl. 232-232v. ACDS.

¹⁰Livro de Casamento, nº. 02 (1769-1782), fl. 232v. ACDS.

¹¹Inventário *post-mortem* de Germana de Sá e Oliveira, 1792, caixa 27. NEDHIS/UVA.

Acompanhou o padre pelos sertões do Acaraú, onde se estabeleceu.

Em 1788, Manoel informou à Câmara da vila de Sobral ser proprietário do sítio São João, na serra da Meruoca, com “600 braças de terra de cumprido com 300 braças de largo”. Ele informou também que era morador e proprietário do sítio e dono de 03 escravos. Declarou que naquele ano plantou apenas “seis mil covas de mandioca, cana e seiscentas braças de algodão”.

Segundo Araújo, quando se tratar da cultura sobralense:

Esta honra deve ser atribuída ao preto Manoel Gomes Correia do Carmo que desde 1761, pelo menos, mantinha sua escola de ensinar meninos nesta povoação da Matriz de Nossa Senhora da conceição do Acaraú, tirando o sustento do trabalho de alfabetizar. Foi ele, realmente, o fundador da primeira escola existente na Caiçara, Natural de Olinda onde nascera em 1723, era homem de cor, filho de natural de Antônia Gomes, preta forra, escrava do Cônego Mestre-escola Bernardo Gomes Correia, cujos sobrenomes herdou [...] emigrou para o Ceará, residindo inicialmente em Amontada onde passou rápida temporada. [...]. Evidentemente seus alunos não eram os filhos de famílias de destaques, já que os preconceitos raciais do tempo da escravatura impediam que um preto fosse preceptor de um branco [...]. (Araújo, 1974, p. 26-27.)

Manoel Gomes apareceu como testemunha em diversos casamentos de negros escravos, libertos e livres. No ano de 1764 foi testemunha do casamento de “Luzia Ferreira da Ponte, forra natural do Recife, filha de Anna Saldanha do Gentio de Angola, solteira, com Pedro Quaresma forro do Gentio de Angola”¹². Em 1766, participou como testemunha do casório de “Manoel Ferreira da Silva, filho legítimo de Albino Ferreira, preto forro natural da Freguesia da Luz, e de Antônia Dias natural da Vila Viçosa, americana, com Eleusa da Costa [...]”¹³. Em 1767, ele testemunha quatro casamentos: de Francisco do Gentio da Guiné com Andreza, crioula, ambos escravos de Manuel Ferreira Torres; de Teodozio Pereira – filho de José Correia do Gentio de Angola e de Margarida da Silva, natural do Ceará – com Joana Marques da Costa, viúva; de Ventura, do Gentio da Guiné, com Luzia da Costa, filha legítima de Manuel, preto, escravo; dos escravos do Capitão Domingos Rodrigues Lima, Mateus e Ana, ambos do Gentio da Guiné.¹⁴ Em 1788, ele testemunhou o casamento de Paulo com Maria, naturais do Gentio de Angola.¹⁵

Com Germana teve dois filhos: Lino Ferreira da Conceição e Felipa de Sá e Oliveira. Felipa casou-se em primeira núpcia com o criador de gado, Primo Fernando Coelho, morador da Fazenda Cruz do Padre. Ele faleceu em 1783 e deixou os seguintes filhos: Ana Catarina de Sena, Antônia Anastácia Coelho, Manoel Fernandes Coelho, Clemente Fernandes Coelho e João

¹² Livro de Casamento n. 01, 1741-1769, fl. 221. Arquivo da Cúria Diocesana da Sobral.

¹³ *Idem*, fl. 121.

¹⁴ *Ibidem*, fl. 121.

¹⁵ *Ibid.*, fl. 221.

Fernandes Santana Cavalcante, classificado como pardo e oficial de carapina. Para tutor dos filhos, foi indicado o alferes Luís Joaquim Correia, que, posteriormente, casou-se com Felipa. Os bens de Primo Fernandes eram formados pelos “Sítio são João e Santa Maria na Meruoca; e uma légua de terra de criar gados denominado Santo Antônio no riacho da Gangorra e uma légua de terra nas fraldas da serra do Caioca denominada Olho d’Água do padre Pascoal”¹⁶.

Felipa de Sá e Oliveira, viúva, casou-se com o tenente Luis Joaquim Correa, e tiveram três filhos – Maria Teotônia, Luís e Benedito. Em 1788, o alferes Luís Joaquim Correia informou à Câmara de Sobral que era proprietário do sítio Tapera, nas margens do Acaraú, e que tinha nesta propriedade: “04 escravos, cria 70 ovelhas, 20 éguas, 10 cavalos de fábricas, 06 poldros, 11 bois de açougue, 40 vacas parideiras, 16 novilhos, 18 garrotes, 30 bezerros”¹⁷.

Ela faleceu em 1797, legando para seus herdeiros do primeiro e segundo casamento, as seguintes propriedades: “460 braças de terras para criar gado no sítio Tapera; um sítio de plantar lavoura chamado João Félix na serra da Meruoca e o sítio São João na Meruoquinha.”¹⁸

Manuel de Sousa Leal

Acrescentaremos a esta trajetória familiar, a história dos escravos Antônio Coelho, Guiné, e Catarina, tapuia Anacê, que casaram no dia 28 de maio de 1741, pela manhã, na capela de Santana.¹⁹ Deste enlace nasceram 06 filhos: Ana Maria da Conceição, Damiana Pereira, Vitorina da Silva Dorneles, Luzia Pereira da Silva, Cosma Pereira e Luciana da Silva.

Ao acompanhar a trajetória da família na documentação, o pai continuou escravo até o ano de 1767 e a mãe foi alforriada antes de 1759. Nos registros de casamentos das filhas, estas não foram registradas como forras, não aparecendo nenhuma referência a sua qualificação social. Cinco filhas escolheram casar com forros e uma, Cosma, se casou com o mulato Antonio dos Reis, escravo de Domingos Inácio, em 1767, e Victorina casou com o preto forro Manoel de Sousa Leal, em 1761, na matriz de Nossa Senhora da Conceição, do povoado da Caiçara, conforme registro:

Aos vinte e oito do mês de Junho de mil setecentos, e hum, nesta matriz pelas coatro horas da tarde, corridos os banhos sem impedimento se receberão por palavras do

¹⁶ Inventário *post-mortem* de Primo Fernandes Coelho, 1783, caixa 18. NEDHIS/UVA.

¹⁷ Alferes Luís Joaquim Correia. 1788. p. 99. In: FROTA, Luciana Aragão. *Op. Cit.*, p. 99.

¹⁸ Inventário *post-mortem* de Felipa de Sá e Oliveira. 1797, caixa 31. NEDHIS/UVA.

¹⁹ Livro de Casamento nº 01(1741–1769), fl. 221v. ACDS.

presente na forma do Sagrado Concílio Tridentino, Manoel de Sousa preto do gentio da guiné, forro, escravo que foi de Francisco Lopes Galvão, e Victoria da Silva escrava que foi de Antonio Coelho de Albuquerque, filha do preto Antonio Benguella, escravo do mesmo Antonio Coelho, e de sua mulher Catarina da Silva, índia; e logo tomarão as bênçãos nupciais, conforme os ritos, e cerimônias da Igreja, sendo presentes por testemunhas o Capitão Manoel Carneiro Rios, e Miguel Correia de Miranda, homens casados, fregueses deste curato e moradores nesta povoação, de que fiz este termo em que me assigno [...].²⁰

Tiveram 11 filhos, dos quais, 02 faleceram, um no ano de 1772 e o outro em 1787. No auto de seu inventário, Victorina, como inventariante, declarou o nome de seus filhos, a idade e a condição civil:

Francisco de Sousa, solteiro e viúvo; Manoel com idade de 25 anos; José com 20 anos; Antonio com 19 anos; Domingos com 09 anos; Alexandre com 05 anos; Ignácia de Sousa, casada com Francisco Gonçalves de Almeida; Matilde, solteira, com 15 anos e Joana com 14 anos.²¹

Manoel de Sousa Leal declarou, em 1788, que as suas propriedades eram: uma terra de criar gados de “um quarto de terras de cumprido com meya légoa de largo” um sítio de plantar lavoura com “meya légoa de terra de cumprido e meya de largo [...]”. Em sua fazenda de criar, tinha “20 gados caprinos, 19 gados cavalar, 251 gados vacum, 03 escravos e em seu sítio de plantar lavoura, denominado São Pedro, produzia mandioca, milho, feijão e algodão. O algodão plantado, em duzentas braças de terra, produziu cinqüenta arrobas e meia” (Frota, 1974, p. 195). A produção de algodão foi vendida a Pernambuco. Todas estas informações foram dadas à Câmara e compuseram o livro de registro de plantação do ano de 1788. Ao tratar da origem da cidade de Sobral, Araújo salientou que:

A parte central, exatamente cercando as casas da povoação, tocou ao filho Matias Mendes Machado que era soldado servindo na guarnição do forte de N. Sra. da Assunção, fortaleza, que foi assim o sexto proprietário. Por residir em fortaleza, impossibilitado de ocupar e administrar estas terras, o soldado Matias as vendeu ao preto forro Manoel de Sousa Leal era negro natural da África, nascido na costa da Mina casado com Victorina da Silva Dorneles, fila de Antonio natural de angola e escravo do Cap. Antonio Coelho de Albuquerque. (Araújo, 1974, p. 23-24)

Em seu inventário, feito em 27 de novembro de 1795, seus bens somavam 555\$480 rs. Dentre esses bens, podemos citar instrumentos agrícolas, bens móveis, trastes velhos, moradas de casas aforadas à Nossa Senhora do Rosário, sítio de plantar na Serra da Meruoca e terra de

²⁰ Livro de Batismo e Casamento, Nº. 01 (1725-1950), fl. 49 v. ACDS.

²¹ Inventário *post-mortem* de Manoel de Sousa Leal, fl. 1, 1795, caixa 29A. NEDHIR/UVA.

criar gado na Vila de Sobral, dívidas a receber e a pagar. Também era proprietário de escravos, entre eles, Joana, originária da Costa da Mina, com 30 anos de idade, avaliada por 100\$000 rs, doada como dote para o casamento de sua filha Ignácia com o forro Francisco Gonçalves de Sousa de Almeida; Anastácia, com 12 anos de idade, muito doente do fígado e valendo 30\$000 rs. Possuía, ainda, outro escravo que não temos informações sobre ele.

Manuel de Souza Leal, preto, do gentio da Guiné exerceu a profissão de vaqueiro, responsável pelo açougue e as vendas das carnes verdes da Villa de Sobral, porteiro do Juízo dos Órfãos, comerciante, membro e benfeitor da Irmandade do Rosário.

O tenente Manuel de Sousa Leal teve sua vida vinculada à Irmandade do Rosário dos Pretos, da qual era membro. Vendeu terreno para seu patrimônio, cuja terra foi aforada e seus chãos possibilitaram capitais para serem investidos na referida igreja e nos seus festejos. Sua moradia era edificada próxima às terras da Igreja dos Pretinhos, onde seus filhos foram batizados e casados na capela do Rosário. Como devoto a Nossa Senhora do Rosário, participou de várias celebrações e festejos. Pôde votar e ser votado para escolha dos cargos da Irmandade e do Reinado do Congo. Nessa capela assistiu missas, participou de cerimônias sacramentais e após o seu falecimento teve seu corpo encomendado com honras e cerimonial cristão. Ele faleceu com 86 anos, em 27 de novembro de 1795, sendo sepultado na Capela do Rosário, conforme registro de óbito:

Aos vinte e oito de novembro de mil sete centos, e noventa, e sinco faleceu da vida prezente com todos os Sacramentos Manuel de Souza Lial de idade de oitenta, e seis annos cazado com Victorina Dornelles, moradores no Rozario e foi sepultado o seo corpo em habito Franciscano na Capela do Rozario filial desta Matriz do Sobral encomendado por mim, de fiz este assento, e asignei. Joaquim da Costa Mendonça. Cura e Vigr^O da Vara do Sobral.²²

Seus filhos Francisco de Sousa Leal e Inácio de Sousa Leal foram membros da Irmandade do Rosário dos Homens Pretos de Sobral, fundada em meados do século XVIII, e ocuparam o cargo de irmãos de mesa, no ano de 1798, e tiveram ainda como companheiros e irmãos, seus escravos, Ventura e João, respectivamente.

²² Livro de Óbitos n^O. 02, 1774-1798, fl. 247. Arquivo da Cúria Diocesana de Sobral.

Teodora Fialho

Nascida em 1731, parda, filha de Antônio da Cunha Pereira e da parda Joana Rodrigues da Fonseca, casou-se aos 16 anos com o capitão Antônio Pereira da Silva, em 1747. Faleceu aos 30 anos, em 26 de julho de 1761, em sua casa de morada, na fazenda Riachão, sem legar em testamento seus bens. Deixou sete filhos: “Luís (14 anos), Florência (12 anos), Ana (11 anos), Antônio (8 anos), Manuel (6 anos), Francisco (3 anos) e Luiza de 06 meses”. Foi sepultada como boa cristã. O Cura registrou nos assentos de óbitos que ela “morreu com os sacramentos da Penitencia e, Eucharistia, enterrouse na Capella do Riacho desta mesma freguezia das grades para sima [...]”²³. A referida capela onde Teodora fora sepultada é a dedicada à Nossa Senhora do Rosário, na localidade do Riacho dos Guimarães, atualmente cidade de Groaíras. Sua mãe, Joana Rodrigues, nasceu em 1710 e faleceu em 1760²⁴. Seu pai conseguiu uma sesmaria em 1739, cuja propriedade media “humma sorte de terra na Lagoa da Pedra nas testadas do defunto Bento Pereira dentre o riacho Seco e os providos do Caracu”.²⁵ Como morreu, sem deixar testamento, seus bens foram inventariados e seu esposo declarou que os pertences do casal eram compostos de duas propriedades:

Três léguas de terras sitas no riachão de baixo como consta da sua data avaliada em 400\$000; três léguas de terra sitas no lugar do Canhotim que pega sua data das ilhargas das terras do capitão Mor Francisco Pereira Chaves, buscando pela fralda da serra a cabeceira do Jurê avaliado em 300\$000.²⁶

Suas propriedades ficavam próximas das fazendas de Antônio de Castro Passos e Paulo Martins Chaves, já citados no capítulo anterior. Nas terras do casal foram criadas 1.693 cabeças de gados vacuns e 105 cavalares. A mão de obra empregada era a de seus filhos e de seus cinco escravos, descritos como:

um negro do gentio da Guiné com idade de cincoenta anos avaliado em 50\$000; um negro do gentio de Angola com idade de setenta anos por nome Domingos avaliado em 10\$000; um moleque por nome domingos do gentio de Angola com idade de catorze anos avaliado em 70\$000; Uma negra por nome Domingas do gentio de angola com idade

²³ Livro de Óbitos, nº. 01 (1752-1774), fl. 28. ACDS.

²⁴ Livro de Óbitos, nº. 01 (1752-1774), fl. 27. ACDS.

²⁵ Registro de data de sesmaria de Antônio da Cunha Pereira, v. 14, nº. 135, 1799, p. 64. In: Arquivo Público do Estado do Ceará - APEC. (Org.) Datas de sesmarias do Ceará e índices das datas de sesmarias: digitalização dos volumes editados nos anos de 1920 a 1928. (2 CD-ROM). Fortaleza: Expressão Gráfica / Wave Média, 2006. (Coleção Manuscritos)

²⁶ Inventário *post-mortem* de Teodora Fialho. 1761, caixa 09. NEDHIS/UVA.

de sincoenta anos, avaliada em 40\$000; Uma negra por nome Gracia do gentio de angola com idade de quarenta anos, avaliada em 40\$000.²⁷

No período da feitura do seu inventário, seus filhos eram todos menores de idade, requerendo que os mesmos fossem cuidados por um tutor, o qual ficava obrigado a informar sobre os seus bens. O próprio pai assumiu essa responsabilidade, ficando com a incumbência de educá-los na fé, nas primeiras linhas – alfabetizá-los, ensinando-os a ler e a escrever – e nos ofícios.

Quanto à qualificação dos filhos, não encontramos referência na documentação estudada que indicasse sua cor. As filhas mulheres casaram com os filhos de Antônio Gomes Bitancur – sesmeiro do Rio Grande do Norte. Florência com João Gomes Bitancur, Ana com José Gomes Bitancur e Luzia Pereira com Félix da Cunha Linhares.

Enfatizamos que os irmãos de Teodora se casaram com filhos de sesmeiros e de famílias mestiças. Izabel da Cunha Pereira casou-se com Manoel de Lira Cabral e Miguel da Cunha Pereira com Clara Joaquina de Azevedo Farias.

Em 1788, a Câmara de Sobral elaborou um livro denominado “Relações das Plantações” onde foram registradas todas as informações do levantamento de todas as propriedades do termo da vila. Seus proprietários declararam o nome de suas propriedades, tamanho, a quantidade de gados vacum, cavalar e cabrum, além de escravos, instrumentos agrícolas e a produção das lavouras. Nesse documento, dentre os proprietários, constavam diversos parentes de Teodora Fialho, como seu pai, marido, filha e genros.

Antônio da Cunha Pereira, pai de Teodora, declarou, aos membros da Câmara da vila, que era morador e proprietário do sítio Nossa Senhora da Penha com “300 braças de terras de cumprimento e meia de largo no córrego chamado Riachão de baixo”. Nesta propriedade, eram criados “100 caprinos, 06 cavalos de fábrica, 01 égua, 89 gados vacum”. Informou que foram plantadas: “duas mil covas de mandioca, metade de meia mão de milho e nove quartas de arroz”, e colhidos: “50 mãos de milho e seis quartas de feijão” (Frota, 1974. p. 314), não foi declarada a produção de arroz.

O viúvo de Teodora, Antônio Pereira da Silva, revelou ser proprietário de duas fazendas, Canhotim e o Riachão de Cima. A duas fazendas mediam “três de légoas de cumprimento e meia légoa para cada banda do rio” (Idem, Ibidem, p. 390). De acordo com seu testemunho, havia uma divisão de uso das propriedades. A Canhotim era para a produção agrícola e nela fora plantado em 1787: “três mil covas de mandioca” que produzia trinta alqueires de farinha. Em 1788, ele

²⁷ Inventário *post-mortem* de Teodora Fialho. 1761, caixa 09. NEDHIS/UVA.

plantou “meia mão de milho e colhera sessenta, duas mil covas de mandioca” (Id. Ibid., p. 391). Segundo Antônio, toda a produção era para gasto com sua fábrica.

A Fazenda Riachão de Cima era para sua moradia, onde, junto ao seu vaqueiro Manoel Martins de Andrade, criava “05 cavalos e 356 gados vacum”. Do gado, 30 cabeças foram destinadas ao açougue para serem vendidas no porto de Camocim e enviadas para Pernambuco. Em 1788, foram ferrados 100 bezerros e como era de costume naquele período, fez-se a partilha ou quarteação com o vaqueiro, correspondendo, nesse caso, a um quarto dos animais para Manoel, que recebeu 25 deles.

A referida propriedade, “principia nas testadas dos herdeiros do defunto João Gomes de Bitancur” (Id. Ibid., p. 390). Os herdeiros de João Gomes de Bitancur, falecido em 1744, eram seus netos e sua filha Florência Pereira da Silva. Florência, nesse mesmo censo, declarou ser proprietária de 400 braças de terras na fazenda Genipapo que “principia e finda com terra dos órfãos seus filhos” (Id. Ibid., p. 395). O genro de Antônio Pereira e Teodora, José Gomes Bitancur, irmão de João Gomes, era dono da fazenda Cordeiro no mesmo córrego do Riachão, que limitava suas terras com as “do alferes José Gomes de plantar e findas com as terras dos órfãos de João Gomes Bitancur” (Id. Ibid., p. 49).

“FAZENDO NEGÓCIOS, CONSTRUINDO DÍVIDAS E PASSANDO CRÉDITO”

Tratar de negócios, dívidas e créditos arrolados nos inventários de alguns destes senhores dos negros aqui estudados, possibilita-nos a perceber as redes que foram se constituindo, ligando pessoas e territórios numa ampla rede comercial. Uma mercadoria que saía da vila do Recife percorria os sertões das capitanias do Norte e chegavam às fazendas da ribeira do Acaraú. As vendas incluíam propriedades, gados, cavalos, outras criações, tecidos, produtos agrícolas, objetos de ouro, prata, ferramentas agrícolas, empréstimo.

O mercado de venda e compra exigia relações de confiança entre as partes, materializada na palavra registrada nos livros de conta. Muitas dívidas eram pagas em dinheiro ou em bens no momento da transação comercial ou no momento da feitura dos inventários. A segurança de vender, comprar e receber requeria que as partes fossem reconhecidas por outras pessoas da família, por amigos ou por conhecidos que pudessem ser testemunhas no momento da cobrança das dívidas, quando o devedor falecesse.

Um dos melhores exemplos são as dívidas ativas, a receber, de José Monteiro de Melo,

que afirmou em seu inventário não dever a pessoa alguma. O montante a receber era de 14:0721\$033; ou seja mais de 70% de seus bens arrolados somados em 21:943\$119. A maioria de seus devedores era da vila de Sobral e suas proximidades. Todavia, havia devedores que moravam no Crato, José Batista Teixeira que devia 954\$ 660, em Crateús, Pedro Monte Palma, que devia 365\$000 por “obrigação”. Aliás, este era o principal tipo de dívidas, que o falecido tinha a receber juntamente com aquelas denominadas “obrigação de juros vencidos”.

José Melo aumentou seu patrimônio adquirindo várias propriedades em pagamento de dívidas ou foram arrematadas, por ele, em leilão, como pode ser visto em seu testamento;

Declaro que possuo mais três légoas de terra no Riacho da Prata, as quaes arrematei para pagamento de dívidas no juízo de órfãos desta villa, era então escrivam Félix José de Souza e Oliveira, e foi arrematada a terra por execução por mim feita contra João de Deus Caminha. Declaro que posuo mais uma legoa de terra no lugar do Aracati Assu onde denomino Varzea Grande, arrematada em praça para meo pagamento por eexecuçam feita no juízo ordinário desta Villa, contra Francisco Xavier de Mello e além desta, possuo mais huma legoa de terra no lugar chamado Curral Velho, no Aracati Assu, arrematada também para meo pagamento por execução por mim feita no juízo ordinário desta Villa contra José Francisco Rocha.²⁸

No caso do preto angola Ventura Torres, suas dívidas passivas e ativas foram descritas no corpo do inventário. Seus credores fizeram petição ao juiz de órfão, informando o débito e indicando pessoas que presenciaram ou ouviram falar do negócio realizado. Entre as dívidas de Ventura constavam farinha de mandioca, esmola, conseguida para a Irmandade do Rosário dos pretos. Seus credores eram Domingos de Paiva Dias, o tesoureiro da Irmandade dos pretos, sargento-mor Antônio da Costa Cordeiro, e dois cativos, os pretos Bernardo Pereira Dutra e Paulo de Domingos da Costa. Esses credores indicaram, como testemunhas dos débitos de Ventura, as seguintes pessoas:

Feliciano Dias de Pinho, pardo, solteiro, morador na vila do Sobral, de idade que disse ser de 65 anos mais ou menos, que vive de seu ofício de carcereiro; Inácio de Freitas de Oliveira, pardo, morador na vila do Sobral, 37 anos; José da Costa Cardoso, morador na fazenda Várzea Redonda, 21 anos, que vive de suas lavouras; Manoel Correia do Nascimento casado com Inácia Maria de Jesus filha de João de Sá e de Teodora Nogueira.²⁹

Vejamos o caso de Germana de Sá e Oliveira, que saiu da condição de cativa e passou a senhora de escravos no final de sua vida, deixando aos seus herdeiros créditos a receber e débitos a

²⁸ Inventário *post-mortem* de José Monteiro de Melo, 1805, caixa 40. NEDHIS/UVA.

²⁹ Inventário *post-mortem* de Ventura Torres, 1792, caixa 27. NEDHIS/UVA.

pagar. Seu esposo – Manoel Gomes Correia do Carmo, pessoa respeitável na sociedade da vila de Sobral porque era letrado e exercia o ofício de mestre escola – ficou encarregado de declarar suas dívidas ativas e passivas para que fossem descontadas do inventário.

Deve ao seo casal José Correya Gomes morador na Serra de Uruburetama por obrigação resto da mensagem quantia vinte e hum mil oitocentos quarenta e cinco reis...21\$845; Declarou mais o dito inventariante deve o seo casal a sua escrava Victorina dinheiro que dele receberão por conta de sua alforia a quantia de vinte e quatro (Fl. 9v) mil novecentos e vinte reis...24\$920.³⁰

Em relação às dívidas de sua esposa informou que:

a sua escrava Victorina dinheiro que dela recebeo por conta de sua alforia a quantia de vinte e quatro mil e novecentos reis (24\$920); a Irmandade das Almas desta Vila de Sobral por obrigação a quantia de deseseis mil reis.....16\$000; a mesma Irmandade das Almas a quantia de sete mil reis.....7\$000; a José de (Fl 10) de Abreo Valadares por obrigação a quantia de nove mil reis....9\$000; ao tenente Miguel Alvares Lima a quantia de mil e quarenta reis.....1\$040; a Joaquim José de Conceição a quantia de três mil novecentos e vinte reis....3\$920; a José Ignácio de Souza morador nesta Villa a quantia de três mil oitocentos e oitenta reis....3\$880; a Manoel de Sousa Leal a quantia de cinco mil novecentos e secenta reis...5\$960; [...].³¹

O montante do inventário do pardo, alfaiate Inácio da Costa Leite foi igual a 2.188\$200. Deixou para seus herdeiros receberem 80\$000 de Joaquim de Inácio de Loiola. Mas durante sua vida contraiu dívidas equivalentes à metade dos seus bens.

CONCLUSÃO

Nos documentos consultados e nos quais as informações são relatos da vida cotidiana em forma de bens móveis e imóveis temos subscrito que a ascensão social daquelas pessoas em seus espaços e tempos históricos estava condicionada a vida econômica. Em geral, os relatos demonstram trabalhadores simples e que com o esforço e dinâmica de seus trabalhos vão se tornar homens de cabedais.

Enfatiza-se nesse artigo que o fato de ser vaqueiro, ser escravo, negro forro ou livre pobre, na Ribeira do Acaraú, não significava que obrigatoriamente esses sujeitos estavam encontrando portas fechadas para a mobilidade social e independência financeira (Rodrigues, 2012, p. 118). Dar

³⁰ Inventário *post-mortem* de Germana de Sá e Oliveira, 1792, caixa 27. NEDHIS/UVA.

³¹ Idem.

vazão a essa documentação de negros é negligenciar possibilidades de se vislumbrar outras versões sobre a presença e condição socioeconômicas de escravizados, forros, livres e libertos nos sertões do Brasil.

Por fim, não devemos perder de vista que a distinção, sócio jurídica, entre livres e escravos era um dado definidor da qualidade (leia-se posição social) dos indivíduos na colônia. Liberto, porém, ainda sanguineamente negro (MACEDO, 2015, p. 182) e de liberdade marcadamente precária (RODRIGUES, 2012).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal do Ceará (UFC), tendo em vista que o artigo tem como base as pesquisas e fontes analisadas para a escrita da tese “Minha riqueza é fruto do meu trabalho”: negros de cabedais no sertão do Acaraú (1709-1822), defendida no Programa de Pós-graduação em História (2015).

E, ainda, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) pela parceria e comprometimento com a qualificação de seus docentes, estendido a Universidade Estadual do Piauí e Universidade Federal do Piauí.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Cronologia Sobralense (1604-1800)**. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

FUNES, Eurípedes A. Negros no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). **Uma Nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

FUNES, Eurípedes. Mocambos: natureza, cultura e memória. **História Unisinos**. V. 13 (2), n. 146-153, Maio/agosto 2009.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão (Org.). **Estudo do Remanejamento da Pecuária na Zona Norte do Estado do Ceará**. Fortaleza: SUDEC, 1974, 2v.

GALDINO, Maria Rakel Amâncio. **Mulheres escravas e forras na Ribeira do Acaraú (1750-1788)**. 2013. 277 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

GUEDES, Roberto. **Egressos do cativeiro: família, aliança e mobilidade social**. Rio de Janeiro: Mauad X/ FAPERJ, 2008

MACEDO, Muirakytan K. de. **Rústicos cabedais**: patrimônio e cotidiano familiar nos sertões da pecuária (Seridó – Século XVIII). Natal, RN: Flor do Sal; EDUFRN, 2015.

RODRIGUES, Eylo Fagner Silva. **Liberdade ainda que precária**: tornando-se livre nos meandros da lei (1868-1884). Fortaleza: UFC. 2012. (Dissertação de Mestrado).